



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

11 de Março de 1989

Ano XLVI — N.º 1174 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O GAIATO faz anos

EM nossa Casa, quando um gaiato faz anos, recebe uma pequenina lembrança. À hora da refeição, levanta-se da mesa e vai repartir os rebuçados, as bolachas e os pauzinhos de chocolate, quando os há. A música de fundo são as palmas e o cântico «Parabéns a você...», entoado pelos comensais. Tanto basta para tornar o dia diferente e apetecido, com festa anunciada e preparada.

Neste contexto, O GAIATO faz anos. São 45. Veio à luz do dia com a simplicidade dos grandes acontecimentos. Anunciado e preparado no coração de Pai Américo, apareceu com a força da Semente que guarda dentro de si a capacidade de gerar Vida. Que mudanças não se têm dado onde é conhecido e lido?!

O seu nascimento, na hora própria, com o terreno humano suficientemente preparado pela palavra e acção de Pai Américo, impelido pelo Espírito de Deus, rasgou novos horizontes à Obra da Rua. Pel'O GAIATO ela chega aonde não podia estar presente.

Porém, os sinais que vemos, ouvimos e tocamos, falam-nos da distância que há entre quem escreve e os efeitos produzidos. Como? Só o Santíssimo Nome de Jesus explica. Pela força d'Ele o coxo anda, o cego vê, o mudo fala, o surdo ouve e o coração pobre recebe a Boa Nova. É por Ele, cremos. Da nossa parte, como crianças que nada sabem, ficamos admirados e confundidos.

Sentimos a responsabilidade, sim, do vaso de argila que leva dentro um tesouro de tamanho valor. Por isso, na hora de escrever experimentamos a dor e a alegria, talvez semelhante ao que acontece na hora de dar à luz. Acreditamos que O GAIATO é uma visita de Deus ao Seu povo com a ternura do Amor de Mãe. Aqui, o segredo da comunhão entre quem o faz e quem o lê. O número do aniversário

revela essa verdade na «Colaboração dos Leitores».

Muito obrigado!

Padre Manuel António



O GAIATO faz anos e fica bem a expressiva alegria do Luis que, dantes... — como outros garotos da Rua — não sorria assim.

Aqui, Lisboa!

«O GAIATO é o meu púlpito. Os Leitores, o auditório.» (Pai Américo)

Hoje, como vem sendo hábito, estas colunas são essencialmente dos Leitores, «o auditório», conforme se cita no prólogo. Vamos, pois, ser breves.

Em todas as Casas e, naturalmente, com maior expressão na sede da Obra da Rua, se recebem, anualmente, milhares de cartas a propósito do que escrevemos nestas colunas. É um espanto, para utilizar uma frase corrente.

Há dias, um casal anónimo, sufragando os familiares falecidos, deixou, para a Capela, um cheque volumoso com os seguintes dizeres: «O cheque tem um nome porque assim é obrigatório. Ele só serve, porém, para agradecer o que quinzenalmente o jornal O GAIATO nos dá gratuitamente». Passados dias recebemos de velha amiga, sempre presente, uma carta, da qual respigamos: «Conheci uma Religiosa, que já morreu há uns anos, e era uma grande Mulher sob todos os aspectos, que, nos dias em que recebia O GAIATO, na hora de leitura da Comunidade, o lia de ponta a ponta e dizia: «Já fiz a minha leitura espiritual!»

Das poucas palavras transcritas se infere a responsabilidade da pesada herança que Pai Américo nos deixou. Mal sabíamos nós, nos já afastados tempos em que andávamos em busca de «norte», que haveríamos um dia de escrever n'O GAIATO, leitura que não dispensávamos, muitas das vezes com olhos humedecidos ou sorrisos abertos à mistura!

E, por esta, é tudo, pois têm a palavra os Leitores.

Padre Luiz

SETÚBAL

• Há dias topei, na rua, uma senhora idosa que, de vez em quando, escreve cartas de enternecer.

Escrever é a sua exclusiva forma de comunicar. Faz letras grandes porque os seus olhos não enxergam quase nada e o seu ouvido sumiu-se completamente. Não ouve e, na rua, só descortina os vultos e as casas.

Agarrei-lhe as mãos com ternura, barrando o caminho, e tentei apresentar-me. Queria responder ali, pessoalmente, à sua adorável carta e à sacrificada dádiva de Natal, como gozar um pouco a sua companhia.

Foi uma dificuldade enorme! Quase me arrependi de ter aproveitado a ocasião. Ela não descobria pelo movimento dos lábios e não havia som que lhe entrasse no cérebro. Lembrei-me, então, de escrever com caligrafia avantajada o nome por que sou conhecido.

Que alegria!... Saltou de alegria na Praça do Bocage!... Uma senhora de oitenta anos!... E eu? Foi enorme o júbilo que rebentou dentro de mim por tão espontânea expressão de verdadeira e terna amizade!

Contou que, este ano, teve de dar menos, porque também ajudou as obras da Senhora do Carmo e... que teve de repartir com outros Pobres!... E mais... e mais... Foi uma delícia ouvi-la!

Rematou que não se deixa levar pela sociedade de consumo, que vive da sua pensão e tem de pagar a água, a luz e o gás, que precisa de mudar de lentes mas só o pode fazer em Março, pois o dinheiro não chega!... — e tirava os óculos mostrando as grossas lentes — num gesto da mais expressiva autenticidade, concluindo que **lê O GAIATO com uma lupa!**

Eu queria que os meus rapazes saboreassem estas maravilhas. Estas dádivas heróicas!... Queria, sim. Para que se não deixem arrastar pela avalanche de tentações a que estão sujeitos e aproveitassem o que nos é dado com singular amor! Eu desejo que os cristãos saibam da heroicidade e sabedoria dos Pobres e se estimulem liminarmente pela Lei Evangélica.

• Um casal de desempregados, a viver com dificuldades intransponíveis, viu uma nesga de luz na promessa de um subsídio a fundo perdido, para um auto-emprego, tomando de trespasse uma pequenina peixaria. Era preciso adiantar duzentos contos até que a papelada se organizasse e a verba assegurada surgisse.

Continua na página 4

N. da R. — Nas festas d'aniversário, metade do «Famoso» pertence aos Leitores. Duas páginas, na maior parte limpas d'adjectivos, testemunham O GAIATO, a Obra da Rua, a crescente responsabilidade dos seus escrevinhadores — do mais humilde ao mais responsável.

O GAIATO é um templo que revela, **anonimamente**, o que há de mais transcendente na alma dos Leitores. Vivências que nos prostram, diariamente, por não sermos merecedores de tamanha Graça!

Aliás, em horas cheias, quando sentimos bem perto algumas confidências de Pai Américo, numa delas interrogava-se perante o crescimento da Obra da Rua e a avalanche de questões, desabafos, hossanas, **pranchadas** que chegavam na mala do correio, provenientes de todo o mundo lusitana:

— Ó... fui eu que fiz isto...!?

Apointa o dedo para a nossa Aldeia verdejante, as belas moradias para muitos que vegetáramos na barraca...

— Não senhor... Pai Américo: foi Deus!

Baixa a cabeça. Aperia as mãos nos ombros do seu **filho** e, num silêncio prolongado, em oração, dá graças à Providência:

— Não digas mais...!

Por isso, O GAIATO é ouvido «em todas as palavras. Escuta-se com alvoroço...» — na opinião do assinante 20613. Não resistimos à tentação de frisar, também, o presente do indicativo expresso pela assinante 33678: «**Gosto** do mal-estar que (O GAIATO) **me** provoca. **Medito, penso**; mas, por vezes, não passo daí. Será o mal de muitos? Mas o bem que **me** faz é imenso...!» Enquanto outros largam a concha batida pelo Sol e proclamam: «O GAIATO é um grito social de dor, de amor, de luz. Bom é que engrosse e altaneie a voz — para dissipar trevas, aquecer e congregar corações».

Eis a colaboração dos Leitores!

O «FAMOSO»

«O 'Famoso' é o Amigo sempre seguro na doutrina, sempre certo na ritmada visita. Ouve-se em todas as palavras, escuta-se com alvoroço. Por vezes, faz sorrir; muitas e muitas outras, faz chorar. E sempre deixa uma insatisfação: a do ouvinte não corresponder inteiramente aos pressupostos de verdadeira felicidade que suscita.

Assinante 20613»

«Gostamos muito d'O GAIATO, em especial dos testemunhos nele publicados. Alguns sensibilizam bastante, pois que temos um filho, de 16 anos, muito deficiente. Basta dizer que, apesar de bastante inteligente, não pega em nada, não se senta nem fala. Isso, só por si, obriga-nos a estar atentos aos problemas dos Outros — pois que vemos nele um Cristo Vivo.

Peço que me continuem a enviar o jornal e se lembrem do nosso filho; que o Senhor que tudo vê e não nos deixa desamparados, possa estender sobre nós o Seu olhar e faça com que o nosso menino parta para junto d'Ele antes de nós, nem que seja um minuto, pois estamos convencidos

de que não podemos viver sem a companhia dele e ele da nossa.

Assinante 40295»

«Encontro-me doente. Não sei como explicar o que sinto ao ler O GAIATO! 'Sei que me sinto bem porque me faz sentir mal.' Entendido?

Gosto do mal-estar que me provoca. Medito, penso; mas, por vezes, não passo daí. Será o mal de muitos?

Mas o bem que me faz é imenso! Desperta-me o sentido de ajudar. Se não for aqui, ali. E lá vou andando...

Agora vem o Natal. O meu filho tem montes de brinquedos. É filho único e chama-se Francisco.

S. Francisco gostava de dar. O Francisco, meu filho, não gosta muito, mas vai dar uns brinquedos aos meninos da Casa do Gaiato. Ele prometeu.

O meu marido é do género de que 'nós precisamos do Totoloto'...

Claro que dava muito jeito!

Eu havia de o convencer...

Problemas não faltam por cá. Também vai faltando o dinheiro para muitas coisas que queremos, mas temos muitas coisas em demasia...

Talvez abunde a ambição! Mas acho que não. Pensamos no futuro do nosso querido filho. Pouca saúde...

Temos uma casa nossa (quer dizer, andamos a ver se a pagamos). Mas esses artigos da Autoconstrução enternecem-me. As crianças a viver com fome e em más condições, moem-me o coração!

Aí vai a nossa migalha para o que for mais urgente.

Assinante 33687»

«O GAIATO é um grito social de dor, de amor e de luz. Bom é que engrosse e altaneie a voz — para dissipar trevas, aquecer e congregar corações.

Assinante 23432»

«Junto o meu cheque anual, com o qual pretendo ajudar a manter esse jornal que é como uma luz que desejamos ver aumentar de intensidade porque, assim, ainda muitos a não vêem...

Assinante 3906»

«É com imensa alegria e como cristão que reconheço os valores da Obra da Rua, pois que tantas crianças, adolescentes e jovens, depois de amargas ilusões, vêem o vosso projecto e sentem necessidade de um lar onde há paz, amor e fraternidade, embora com humildade. A vossa Obra indica a presença poderosa de Deus reflectida nos nossos irmãos mais pobres.

Assinante 3029»

«No princípio do ano gosto de cumprir os meus deveres para com a Obra da Rua, que tanto dá a quem tem a rara felicidade de estar próximo da sua 'casa'.

Junto um cheque a fim de continuarmos a receber o mensageiro da Esperança, o nosso tão estimado O GAIATO.

Assinante 32928»

«Pela leitura d'O GAIATO, que devo apaixonadamente de uma ponta à outra, estais sempre presentes no meu coração. Num mundo marcado por tanto ódio, maldade e hipocrisia, a leitura do 'Famoso' é uma lufada de ar puro, bem cheiroso, que enche a alma de alegria e

de paz. E tudo isto porque ele é a expressão do Cristianismo naquilo que tem de mais sublime: O Amor levado até à última dimensão de um Cordeiro inocente que se deixou imolar pelos pecadores, para que as portas do Céu fossem abertas para todos aqueles que se deixassem possuir pelo Senhor, para requer acima de tudo que Lhe entreguemos os nossos corações.

Felizes, todos vós, que rodeais todos esses rapazes de amor e disciplina, oferecendo o lar que nunca conheceram...

Esta pequena oferta (temos que repartir com outros), minha e de minha mãe, é para pagar (mas tem preço?) a assinatura do jornal e o restante para aplicarem naquilo que entenderem.

Assinante 47518»

«Renovo três assinaturas do 'Famoso' — jornal que devia entrar em todas as casas, pelo bem que faz às almas: liberta e tem o condão de transformar os corações mais duros!...

Que Deus vos ajude a seguir a linha traçada pelo Pai Américo. Ele teve a visão das coisas e tudo fez bem feito. Por isso, a sua Obra não morrerá... Ultrapassa-nos porque somos demasiado pequenos...

Assinante 17660»

«Ainda há coisas que não se conseguem pagar e constituem um dos poucos oásis neste tempo em que somos forçados a viver. Refiro-me (escusado será referir) a O GAIATO que nos põe a par da importante Obra da Rua.

Resta-me, pois, no início deste Novo Ano e lembrando os Reis Magos neste dia, desejar a todos a energia, optimismo e graças de Deus que permitam continuar os intentos a favor dos nossos Rapazes da Rua.

Assinante 7350»

«Continuo a ler com muito agrado as mensagens que me são trazidas pel'O GAIATO, com a regularidade do costume.

No corre-corre do dia-a-dia, o pequeno-grande jornal proporciona-me o silêncio, a concentração e a paragem necessárias para a meditação simples e profunda sobre a vida, os seus muitos problemas e angústias. Ajuda a sentir-me mais no mundo.

Envio um cheque para a assinatura d'O GAIATO e para as necessidades da Autoconstrução, uma pequeníssima ajuda.

Assinante 23200»

«Uma velhinha analfabeta — que se fez assinante d'O GAIATO para que os netos o lessem — pede para mandar 200\$00 para a assinatura de 1989.

Que riqueza são os nossos velhinhos! Pois que os jovens nos olhem sempre com respeito e carinho. Bem precisamos.

Assinante 36759»

«Junto um cheque para a assinatura do vosso jornal que continuo a chamar o meu catecismo. Quando o leio, desejo ser mais perfeita... Por vezes consigo!

O excedente será para aplicarem como entenderem e onde mais jeito der. Fico tão baralhada face a tantas necessidades! Portanto, em vós confio a sua aplicação.

Assinante 7796»

JUVENTUDE

«JUNTO um cheque para ajudar, em alguma coisa, os Pobres. Sei que é pouco; tenho 24 anos, mas é um pedaço que saí do meu trabalho. Deus vos ajude e recompense pelo trabalho; pois ao ler O GAIATO vejo que há pessoas que necessitam de ajuda. Deus está no Irmão que vive ao nosso lado!

Daniel»

«Fala uma leitora que tenta acompanhar, na medida do possível, a vossa vida.

Estive aí com o meu pároco e mais três catequistas (eu também o sou). Vi algo de diferente, extraordinário; algo que combina o extra com o ordinário. Foi maravilhoso! Achei a vivência fora de série. Quem dera que a vivência «cá fora» fosse assim...!

É importante que toda a gente conheça a Obra da Rua e aquilo de que são capazes. Talvez assim os 'ricos' aprendessem com os 'pobres', o que é ser feliz. Quero viver mais de perto a vossa felicidade, o amor uns pelos outros e para com os outros. Há muito que aprender neste mundo soberbo, que pensa que sabe tudo!

Assinante 47776»

OBRA DA RUA

«**PARA** a Obra do Padre Américo, todos os dirigentes e todos os rapazes: Todos somos irmãos, mas há muitos que não conhecem o Pai...

Rezemos: Eu, uma octogenária com quase 84 anos, todos os dias peço por vós; embora só duas vezes por ano dê testemunho de mim: Páscoa e Natal. Deus sabe quanto vos amo e desejo que a Obra avance, cada vez mais, com fé, amor e coragem.

Envio a minha partilha que distribuirão aonde for mais necessária. 'O pouco com Deus é muito — o muito sem Deus é nada.'

Nela vai o meu coração e, também, duma irmã que vive comigo e tem 86 anos. Rezem por nós. Rezemos uns pelos outros!

Mariana»

☆

«Trabalho com um grupo de jovens na minha paróquia — 15 a 16 anos. São bons, generosos, inteligentes e abertos ao Senhor... Têm uma boa

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«**QUINZENALMENTE**, recebemos O GAIATO. Sua leitura é para mim um estímulo e um exemplo de como se pode viver o Evangelho com todas as suas consequências. Tenho tirado muitos ensinamentos das mensagens que nos traz e das cartas dos assinantes.

Assim, agradecemos que continuem a no-lo enviar.

Há algum tempo recebemos o livro *Correspondência dos Leitores*. Agradecemos da mesma forma.

Por vale postal remeto 15.000\$00, oferta de alguns paroquianos. Poderão utilizá-lo na Obra da Rua, da maneira que acharem mais conveniente.

Mais uma vez, agradeço em nome da nossa Comunidade.

Em Cristo e Maria, seu
Assinante 24356»

*

«Escrevo estas palavras, tendo na minha frente o último O GAIATO que me trouxe à memória a figura do Padre Américo que tive a alegria de conhecer, no Seminário de Coimbra.

Tantos anos passaram e, graças a Deus, conservo a sua lembrança e queria partilhar do seu espírito. Tenho tido essa graça que peço mais e mais ao Senhor, pois os meus 66 anos já me dizem muito.

Envio um cheque para a minha assinatura e não sei se de algum livro vosso que me tenha chegado às mãos.

Alegro-me por ter acompanhado a Obra da Rua pel'O GAIATO, por visitas às vossas Casas, por pessoas que aí trabalham, sacerdotes e senhoras. Quem me dera que muita gente entendesse o dar-se à Obra da Rua — porque o dar não chega.

Que o Padre Américo, lá junto do Pai Celeste, peça pelos que o continuam ou venham a continuar.

O irmão no ideal de servir os irmãos mais carenciados.

Assinante 4154»

vida e alguns até luxo... Poderão eles partilhar convosco? Poderão fazer uma troca?... Dar um pouco daquilo que lhes sobra e receber as vossas sobras? Não são elas a vontade de viver, a luta pela vida, o esforço de criar, a esperança, a fé, a caridade?...

Foi uma ideia que tive... Até lá, vai um pequeno contributo meu. Não tem grande valor pois não sai do que me faz falta. Sei, porém, que a vós faz falta.

Assinante 31754»

☆

«Com a humildade das minhas palavras manifesto, agora e sempre, um grande amor pela Obra da Rua que a todos os cristãos garante ser o testemunho físico e visível da presença de Deus.

Ao invés do que sois (uma grande Obra, muitos filhos sem pais, transviados e abandonados) vivo num apartamento acolhedor, com filhos a quem dou amor e atenção em cada hora do dia.

A todo o momento (e às vezes é bem difícil!) louvo a Deus pela minha família.

O Senhor concedeu-me estes bens: Fé, Família, Amor, triângulo que preenche toda a minha existência. Triângulo amoroso a que Deus me chamou. Por isso, nunca esqueço os que não possuem uma ou até nenhuma destas regalias.

Quis Deus que a minha família fosse tocada pela dor da doença. Sei que o Senhor não nos abandona. Cada dia que um dos meus doentes sofre mais, sei que Deus está com ele. A vida em sofrimento pode ser o início para aplainar os Caminhos para 'a santa viagem'.

Rezo por vós, como só as Mães sabem rezar. Não é vaidade. As Mães que têm orgulho de o ser, falam com a 'Nossa Mãe Universal' duma forma diferente...

Peço que rezeis também pelos meus doentes. Tenho a certeza que Deus vos ouvirá.

«**Por isso, animai-vos mutuamente e edificai-vos uns aos outros, como já o fazeis**' (S. Paulo).

Assinante 36779»

☆

«No Centenário do nascimento do Padre Américo, e curiosamente de Padre Grilo, a espiritualidade que os animou, em vida, perdura ainda hoje, nas Obras que realizaram.

Conheci ambos pessoalmente e quis, num dever de consciência, perpetuar a Obra da Rua naquela memória evocativa que na Praça da República, do Porto, num bronze não frio — até pelo sorriso que o escultor tão bem soube espelhar — mostrando-o aos que tal memória evocativa contemplam, na protecção acariciante dos dois gaiatos.

Padre Grilo, uma personalidade bem distinta de Padre Américo, tem na Casa dos 'seus amigos', em Matosinhos, a realidade do sonho dum Homem que afirmei ser a personificação da bondade — se esta tivesse podido ser personificada.

A hierarquia eclesiástica consagrou, nas litúrgicas celebrações, estes dois

Livros de Pai Américo

«**DEPOIS** de ler *Correspondência dos Leitores* fiquei com a noção do que é trabalhoso e, por vezes, penoso o excesso de correspondência. Cada um que escreve, julga que é só ele (ou ela) e alonga-se nas suas considerações. Desse pecado me confesso eu...

Claro que me maravilho sempre com os livros de Pai Américo. No entanto, o que interessa, são as considerações de Pai Américo a cada carta... e aí é que está o valor do livro!

sacerdotes que os desígnios da Providência tornaram quase coincidentes na data do nascimento, ao dizer-nos que um Centenário torna viva a espiritualidade que o tempo não destruiu na erosão do desgaste dos 100 anos, palpitando nos gaiatos ou nos 'meninos' que Padre Grilo salvou da sarjeta.

Conheci alguns gaiatos; um dos quais, delegado, no Porto, em situação invejável por representar uma multinacional das mais importantes da Europa, me surpreendeu ao perguntar se o não conhecia — como se tal fosse possível — ao lembrar ter acompanhado o Padre Américo ao estúdio da Rua Alferes Malheiro (...).

Assinante 47283»

☆

«Envio dois cheques para participar um pouquinho nas vossas despesas. Sou viúva de..., falecido há um ano, com 33 anos, vítima de enfarte do miocárdio. O Senhor quis tê-lo perto d'Ele no Natal passado. Sofri e sofro muito, mas o mesmo Espírito que dá Força para manter com amor a Obra da Rua, tem também um olhar sobre mim e os meus três filhos. Tenho muita Fé!

Cristo abra-se com o Seu fogo todos os nossos corações!

Assinante 19288»

Farei os possíveis por refrear os meus entusiasmos. Levantarei os olhos ao Céu e louvarei o Senhor pelo Seu Servo que passou na Terra, deixando aos sucessores o fardo pesado de continuar o trabalho que o desgastou até ao fim...

'Mais obras e menos palavras' (dir-me-ia Pai Américo...!)

Assinante 29884»

☆

«Deus perdoe o meu descuido! Ele sabe quanto admiro a Obra da Rua, jardim onde são plantadas pequenas florzinhas mal cuidadas e que se tornam belas com o tratamento dos jardineiros ao serviço das Casas do Gaiato.

Esse jardim tem espalhado perfumes suaves que regalam os olhos e confortam os corações de todos os portugueses, através das pétalas cuidadosamente juntas em fascículos — criadas pelo maravilhoso jardineiro chamado Américo.

Assinante 33289»

☆

«Fiquei extraordinariamente feliz por saber da decisão da Universidade Católica em recomendar o *Cantinho dos Rapazes*. Já não era sem tempo! Nós é que queremos tudo num dia, mas o Senhor é que sabe o tempo exacto.

Tenho aprendido e lucrado com o facto de, por mão de amiga que o Senhor guarda, beneficiar da leitura e amor pel'O GAIATO, há mais de 32 anos. Não há palavras capazes de traduzir! Só quero acrescentar: alegre-me muito ser da família (de fora) da Obra da Rua e o Senhor me conserve com amor.

Assinante 25881»

Voz dos Emigrantes

«**RIO** de Janeiro (Brasil): Juntamente com O GAIATO n.º 1150, chega a segunda 'dose' do *Correspondência dos Leitores*. A primeira, também chegou.

Quando escrevi, sentindo a falta do livro, era apenas o receio de ficar sem ele. Mas, logo após a recepção do seu postal, chega o volume, mesmo com o endereço antigo.

Dizer o que se sente ao ler e reler as obras de Pai Américo, é confirmar a totalidade dos seus leitores: Todo o conteúdo é 'pão vivo caído do Céu'.

Desde a Sopa dos Pobres, de Coimbra, que Pai Américo se mostrou o sublime escritor das Verdades Eternas.

Justificando que a 'candeia não é para se pôr debaixo do alqueire', ofereci a primeira 'dose' a quem vai deliciar-se também.

Assinante 8120»

◆

«Comunico o meu ardente desejo de muita saúde e muita coragem na vida para continuarem, com a graça e ajuda de Deus, o caminho por todos os Padres da Rua escolhido para continuação dessa Obra ímpar, que Pai Américo a todos legou. Padres e não só, pois sei que há outros que também colaboram. É caso para todos dizermos, cá de longe: Força, irmãos, que Deus vos ajude!

Como já vem sendo habitual, enviei 150 marcos para a assinatura do 'Famoso' e o último livro *Correspondência dos Leitores*.

Assinante 22469»

D
O
S
L
E
I
T
O
R
E
S

CALVÁRIO

☆ «Alcoólicos Anónimos, apartado 77 — 4490 Póvoa de Varzim, é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham as suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver o seu problema comum e ajudar os outros a se recuperarem do alcoolismo.»

Vejamos e meditemos a sua «Oração da Serenidade»:

«Concedei-nos, Senhor, a **Serenidade** necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar; **Coragem** para modificar aquelas que podemos; e **Sabedoria** para distinguir umas das outras.»

Podemos também rezar assim. Semelhante a esta, a oração dum sacerdote das Beiras, aflito ao relatar-me os estragos do álcool nos jovens da sua paróquia. Igualmente, uma jovem professora desanimada com as merendas — pão e vinho — que algumas crianças levam para o almoço.

Há dias, procurando a identidade dum rapaz no livro de registos, fui lendo na nota de observações de cada um:

«Este rapaz é atrasado mental. O pai, alcoólico, abandonou os filhos que vivem entregues aos vizinhos.»

E este:

«Os pais deste menino não vivem juntos. O pai bebia muito e maltratava a mãe.»

Outro:

«Este rapaz é diminuído mental, sua mãe é tuberculosa e o pai bebe.»

E mais:

«Órfão de mãe, atrasado mental e epilético. O pai é alcoólico e abandonou os filhos.»

Chega! Seria um não mais acabar...

Quem será capaz de fazer compreender aos pais e aos filhos as ruínas familiares e sociais que os malefícios do álcool nos trazem? A televisão e demais comunicação social? Os párocos nas suas homilias? São caminhos.

Para evitar os desastres na estrada de alcatrão, já se faz algo. Ainda bem! Seria bom que na mais fecunda estrada da vida humana se mostrasse aos homens o mundo dos deficientes e as culpas do álcool.

Parece-nos urgente... Porquanto, um milhão de deficientes num cantinho tão pequeno!

☆ Um casal jovem. Passaram por acaso junto do nosso Calvário e entram. Viram tudo.

«Não fazíamos ideia! Vamos olhar para os nossos filhos doutro modo...» — disseram.

O sol da tarde iluminava os rostos ansiosos. Nestes, li bem o desejo de serem mais fraternos e compreensivos.

«Podemos vir de novo e trazer os nossos filhos? Queremos que eles vejam e sintam como nós.»

Que venham. Vou apresentar-lhes a nossa Luísa. Assim: Tem 11 anos. Quando veio, tinha 7 com a aparência de 3. O pai e a mãe são alcoólicos. Não falava. Fazia poucos movimentos e descontrolados.

Agora, já fala e guia um carrinho de brinquedo que veio no Natal. Já consegue andar amparada ou agarrada a um corrimão. Não é maravilhoso?!

No fim vou dizer àqueles filhos que saibam agradecer a Deus o dom de seus pais.

Padre Telmo



Há quarenta anos (O GAIATO com 20.000 exemplares de tiragem; hoje, mais de 70.000), Pai Américo concretiza o projectado edifício para as oficinas, em Paço de Sousa. Sem capitais — só o crédito da Divina Providência... — instala a tipografia para o Famoso e livros da Editorial. Mas, com o andar do tempo, esses dois sectores precisavam de mais espaço e os restantes mestres vão para outros lados. Agora, inauguramos dignas instalações para O GAIATO, tipografia, etc. Decerto, Pai Américo está feliz, no Céu, com o belo imóvel que a fotografia mostra, debruçado sobre a quinta e a mata da nossa Aldeia, respirando a divisa da nossa Obra: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

Uma Leitora... que lê

Sempre os Leitores têm parte no nosso jornal (nosso... que também os inclui a eles); mas o número do aniversário é, por antiga tradição, especialmente seu. Apesar da muita e variada colaboração que aí vai em lugar destacado, é ainda do contributo de um deles que tomo o mote para esta breve intervenção.

«Nos meus tempos de estudante, em Coimbra, conheci Pai Américo. E tenho a edição de **Pão dos Pobres** de 1942. Ora acontece que o último número do **Famoso** (a carta é datada de 20 de Janeiro) transcrevia um pequeno trecho do 1.º volume. Li. E pareceu-me que faltava alguma coisa. Confrontei o jornal com a edição do tempo de Pai Américo. Transcrevo dela: «... No último dia preparou-se o Altar para a Acção Sacrificial do Homem-Deus... Na

4.ª edição de **Pão dos Pobres** (1.º volume), que também possuo, já não vem a palavra **Sacrificial**. Daí a falta no jornal.

Parece-me que é pena omitirem o adjectivo que dá sentido à **Acção**. Talvez valesse a pena completar nas edições que vierem a fazer de **Pão dos Pobres**...»

Aqui está a prova inequívoca de uma Leitora... que lê. E com que profundidade! E com que perseverança! Quantas vezes terá passado por este trecho (E se por este, por muitos mais..., por todos!), para a sua sensibilidade reagir à falta de

uma palavra, de um adjectivo, que — tem toda a razão — não é de omitir!

Quando ando por lá em campanha de assinaturas, insisto e insisto que O GAIATO só tem um preço essencial: **ser lido**. O quanto, o modo, o tempo, o lugar onde — tudo isso «deve ser deixado à espontaneidade dos Leitores», conforme dizia Pai Américo. E peço com veemente sinceridade que o não assinem quem não tiver o propósito habitual de o ler.

Esta Senhora Professora dá-nos uma lição estupenda do que é ser leitora do **Famoso**. Não reagiu por picuinha literária. Fê-lo pelo amor que nos tem e à mensagem que é cada uma das nossas edições.

Somos nós que lhe agradecemos de todo o coração o seu reparo, que fica anotado para a 5.ª edição do 1.º volume de **Pão dos Pobres**.

Padre Carlos

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

OFERTAS — «Vou mandar reparar, numa casa da especialidade, uma máquina de escrever para que chegue em boas condições às vossas mãos.» Foi a mensagem que recebemos duma assinante de Sintra.

Uma leitora, do Porto, entrega no Lar do Porto um agrafador e respectivos agrafos. Alzira, de S. Romão de Coronado, 5.000\$00. Maria Rodrigues, o mesmo. As importâncias foram creditadas na conta especial da Cooperativa.

Os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves

SETÚBAL

Cont. da página 1

Pessoa idónea contactou gente bem, um dos do grupo, a concluir uma vivenda no Algarve para férias e que frequentam friamente as Missas frias!... Nada!...

Como é possível estas pessoas salvarem-se? — como? — se o choro do irmão tem sempre como resposta a sua inépcia, os seus defeitos, a sua incapacidade de poupança, os seus gastos extravagantes... etc... Só eles são justos... económicos... e... por isso... abastados.

Nós precisamos muito dos Pobres. Neles apalparamos a sensibilidade de Deus-Pai!

Padre Acílio

Património dos Pobres

Quem sobe às serras das Beiras depara com inúmeras aldeias dispersas, quase perdidas nos pinhais e nos refegos das montanhas.

Entrando nelas e investigando-as pelas ruas estreitas, logo se apercebe de três factores comuns: focos de casas novas e frescas, pertencentes a emigrantes ou a cidadãos da cidade que ali têm poiso de Verão; aglomerados de casas antigas, algumas em degradação; e uma população envelhecida, onde os novos se contam pelos dedos, sem grandes recursos económicos, vivendo da agricultura de subsistência.

É sobre este aspecto último que tenho reflectido ao percorrer, durante largos meses, estas aldeias serranas. Esta gente, que ficou por aqui, vive

como há séculos o faziam seus antepassados. No geral não entraram no ritmo do século. Sabem apenas que o progresso existe nas cidades. Os reflexos que ali chegam são muito ténues, quando não são negativos. Mas o que mais confrange são as habitações que possuem. Muitas, continuam em xisto esborado. Algumas, vão enxertando o cimento, o alumínio, a telha. Outras, não. Tudo igual ao antigo. Casa de banho não é coisa comum. Água canalizada vai entrando aqui e ali. Mas também não é geral. Há verdadeiras situações de miséria e degradação. Ora a presença de habitações novas, com todos os requisitos modernos, ainda atira mais para o passado estas casas antigas. Há moradores com vontade de melhorar a sua situação. Mas a inércia de séculos, a incapacidade financeira e sobretudo o estímulo faltam no seu viver.

Ora o Património dos Pobres tem aqui uma palavra muito forte a dizer. Muita ajuda a dar. E muita esperança a incutir. Não vai resolver tudo. Mas vai certamente despertar e incentivar. E creio que o que falta nestes casos é sobretudo um incentivo, um empurrão.

Tenho percorrido dezenas de aldeias. Tenho falado com seus páro-

cos. E tenho encontrado receptividade para este problema. Digo-lhes que o Património dos Pobres quer ajudar. Que muitos nos dão para que outros tenham sua casa. Cristo mora nas igrejas, mas vive igualmente por aqui nestas habitações, por vezes paupérrimas. Os párocos sabem disso. Muitos sofrem com isso. E felizes os pastores. Felizes as ovelhas. E feliz serás tu, também, ao entregares a tua telha para cobrir a casa destes Pobres. Fico à espera, que eles já o estão há muito.

Olha! Aqui são onze pessoas neste casebre. Não há divisões. Dormem em comum. O chão é térreo. A telha velha deixa entrar o frio do Inverno e sair o fumo da lareira. O espaço é largo, mas os habitantes são muitos.

Ali, dois velhinhos, ele de cajado na mão, ela de amargura no peito por via da filha, atrasada mentalmente e com um futuro incerto. A lareira também aqui está acesa, mas a telha deixa escapar o fumo mais o calor. A casita, a escorregar na encosta húmida, carece de um forro que abrigue e de um quartito de banho que conforte.

Há meses que não faço outra coisa senão visitar casas de Pobres, que urge renovar, consertar, ou reerguer. Somos precisos todos para esta tarefa!

Padre Baptista

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média durante o mês de Fevereiro: 71.900 exemplares